

Crenças interculturais no 6º ano do ensino fundamental

Laissy Taynã da Silva Barbosa¹

RESUMO

O presente trabalho é um recorte de um estudo maior que busca analisar as crenças interculturais dos estudantes de sexto ano do Ensino Fundamental II em uma escola pública de Parauapebas – PA, a partir do conceito de interculturalidade da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Para isso foi aplicado um questionário semiestruturado com 145 estudantes do 6º ano do ensino fundamental no primeiro dia de aula de língua inglesa. Assim, os resultados iniciais desse estudo apontam para a necessidade de um docente sensível e reflexivo para trabalhar questões interculturais com os discentes ao longo do período escolar.

Palavras-chave: Crenças; Interculturalidade; BNCC

1. Introdução

O sexto ano do Ensino Fundamental II é um período de transição para os estudantes. Os estudantes chegam a esse nível ansiosos, pois há uma série de novidades: muitas aulas em um turno, troca de professores de acordo com a disciplina, aprender a gerenciar o tempo de escrita e resposta em cada disciplina, bem como uma disciplina nova: a Língua Inglesa. Nessa perspectiva, o presente trabalho é um recorte de um estudo maior que busca analisar as crenças interculturais dos estudantes de sexto ano do Ensino Fundamental II em uma escola pública de Parauapebas – PA, a partir do conceito de interculturalidade da Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Desse modo, entende-se que aprendizagem de línguas está intrinsecamente relacionada com a cultura, pois conhecer elementos culturais e saber como utilizá-los em variados contextos faz parte do *background* de um bom aprendiz de qualquer língua estrangeira. Tratando-se do inglês, é preciso ressaltar que é uma língua vinculada ao conceito de língua franca, pois não existe mais “a noção de pertencimento a um determinado território e, conseqüentemente, a culturas típicas de comunidades específicas, legitimando os usos da língua inglesa em seus contextos locais” (BRASIL, 2017, p. 240).

¹ Professora de Língua Inglesa na rede pública de ensino em Parauapebas - PA
Revista Tecnologias na Educação – Ano 15 – Número/Vol.38 – Edição Temática XIX- tecnologiasnaeducacao.pro.br / tecedu.pro.br

Tendo isso em vista, a presente pesquisa está embasada na definição de crenças de Barcelos (2006), a qual afirma que crenças é “uma forma de pensamento, como construções da realidade, maneiras de ver e perceber o mundo e seus fenômenos, co-construídas em nossas experiências e resultantes de um processo interativo de interpretação e (re)significação” (BARCELOS, 2006, p. 18). Assim, as experiências dos estudantes atuam diretamente em suas crenças acerca da língua inglesa e de seu alcance geopolítico. Tal compreensão beneficia uma educação linguística voltada para a interculturalidade, de modo que é preciso proporcionar uma reflexão aos estudantes no sentido de não mais ver o inglês como vinculado a fronteiras de países, mas de conexões mediadas pela língua inglesa ao redor do mundo.

2. Embasamento Teórico

A pesquisa foi realizada em uma escola pública no sudeste paraense, com a finalidade de explorar analiticamente as crenças dos estudantes. A pesquisa é de cunho qualitativa e quantitativa, a partir de um questionário com questões abertas e fechadas. A escola conta com um número médio de 1000 estudantes em três turnos de aulas, manhã, intermediário e tarde, onde oferece ensino fundamental I e II. Para esta análise, foram selecionadas as cinco turmas do sexto ano, com a média de trinta e cinco estudantes em cada turma e a média de idade dos estudantes é entre dez e doze anos. Participaram 145 estudantes, sendo 80 meninas e 65 meninos.

3. Resultados e Discussão

As crenças fazem parte do processo de ensino e aprendizagem, visto que elas são construídas e moldadas ao longo do tempo por meio de experiências vividas pelo sujeito. Portanto, faz-se necessário verificar e refletir acerca das crenças que envolvem a interculturalidade com o intuito de agenciar uma formação escolar e cidadã do estudante.

Assim, a pesquisa com 145 estudantes do sexto ano possibilitou organizar à princípio três gráficos. Assim, o Gráfico 1 mostra os idiomas que os estudantes pontuaram que já conheciam ou tinham ouvido falar em algum momento de suas vidas. Os resultados podem ser vistos a seguir:

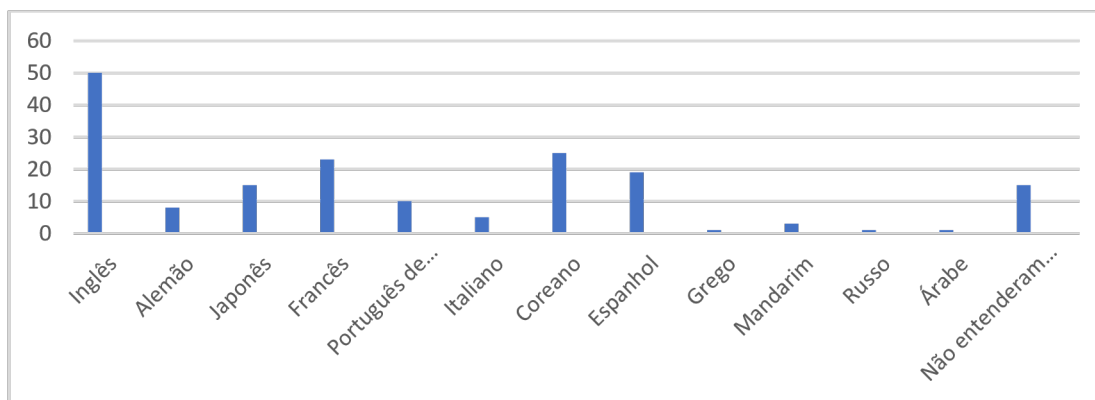


Gráfico 1: Idiomas ao redor do mundo mencionados pelos estudantes pesquisados Fonte: Própria autoria.

A partir dos dados, percebe-se que o inglês aparece como o idioma mais conhecido entre os estudantes pesquisados, que, de certo modo, não caracteriza surpresa, tendo em vista a influência que ele exerce no meio midiático, tecnológico e de entretenimento. Por outro lado, o idioma de um país do leste asiático ganhou destaque neste nicho de estudantes, o coreano e, à princípio, este fato pode causar estranhamento. Contudo, acredita-se que isso pode ser efeito do sucesso que bandas musicais e dramas coreanos (*doramas*), popularmente conhecidos entre adolescentes e pré-adolescentes como K-pop e K-dramas, respectivamente.

O Gráfico 2, a seguir, tem como propósito demonstrar os países que os estudantes citaram que tem a língua inglesa como idioma oficial. Como resultado, o Estados Unidos da América aparece como o país mais mencionado no questionário, seguido pela Inglaterra e Canadá.

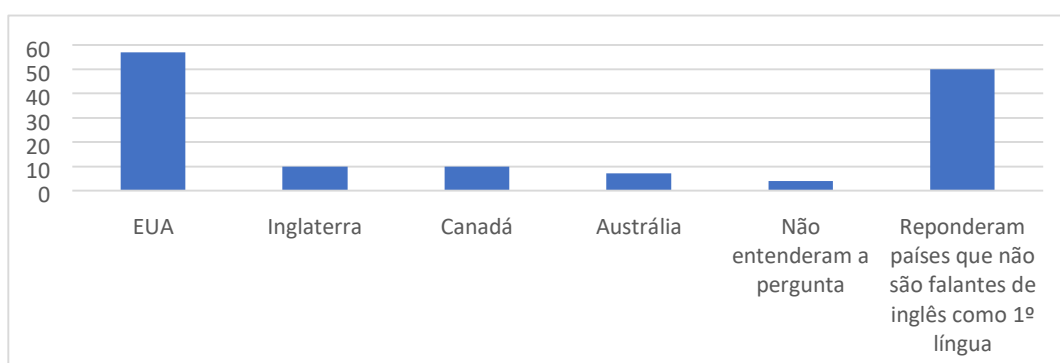


Gráfico 2: Países que têm o Inglês como língua oficial citados pelos estudantes pesquisados Fonte: Própria autoria.

Percebe-se que, embora a língua inglesa seja a língua oficial de países como Irlanda, Malta, Austrália, Nova Zelândia, África do Sul, Nigéria, e Guiana Inglesa, por exemplo, os Estados Unidos

Revista Tecnologias na Educação – Ano 15 – Número/Vol.38 – Edição Temática XIX- tecnologiasnaeducacao.pro.br / tecedu.pro.br

(57 estudantes), a Inglaterra (10 estudantes) e o Canadá (10 estudantes) são os nomes mais conhecidos entre os estudantes. Porém além dos que não responderam à pergunta, 50 estudantes mencionaram países como Brasil, Argentina, Chile, Alemanha, Japão, Coréia do Sul, entre outros, ou seja, mencionaram países que o inglês é aprendido como segunda ou terceira língua. Infere-se que essa percepção dos estudantes pode perpassar a concepção de que se um país é estrangeiro, deve falar inglês, e, portanto, não a definição de conceitos como língua oficial (o idioma que consta na Constituição de um país), língua materna¹ (o primeiro idioma aprendido por alguém) etc.

Dentro dos estudos linguísticos contemporâneos, desconsidera-se a ideia que existe um inglês melhor ou pior para ser apr(e)endido, visto que a variação considerada “melhor”, “mais bonita” foi, por muito tempo, o inglês norte-americano ou o britânico. Entretanto, a partir dos dados obtidos nesta pesquisa, é perceptível que tal concepção teórica precisa ser trabalhada na sala de aula com o intuito de minimizar (ou acabar) com o mito do americano e anglicano como únicos sotaques do inglês. Assim sendo, o professor, ao fazer um planejamento intercultural, precisa mencionar (de preferência exemplificar por meio de mostras) que existem variações entre os países, porém isso não o torna inferior, pelo contrário, faz parte da riqueza linguística e cultural dos povos. Além disso, precisa ser ressaltado também que existem menos falantes do inglês como língua materna do que como falantes do inglês como língua franca (CRYSTAL, 1997). Assim, em consonância com essa perspectiva teórica, a BNCC afirma que ao ensino de língua inglesa assumir status de língua franca, ela “se materializa em usos híbridos, marcada pela fluidez e que se abre para a invenção de novas formas de dizer, impulsionada por falantes pluri/multilíngues e suas características multiculturais” (BRASIL, 2017, p. 242).

O Gráfico 3, por sua vez, mostra a intenção dos estudantes pesquisados ao estudar inglês.

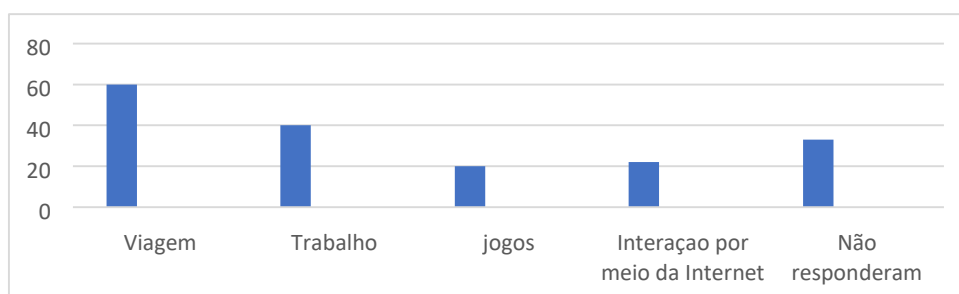


Gráfico 3: Motivos para aprender o inglês Fonte: Própria autoria.

¹ Associado ao conceito de língua materna está o falante nativo, ou seja, o sujeito é considerado nativo da língua que ele aprende como materna. Contudo, esse sujeito pode ser considerado como nativo em mais de um idioma, vai depender de nicho aonde vive.

De acordo com os dados, quase 30 anos depois da pesquisa realizada por Leffa (1991) em uma escola pública, com estudantes de 5º série (atual sexto ano), a motivação dos estudantes para aprender o inglês continua a mesma, viajar. Santos Jorge (2009) sugere que o lugar desse idioma no currículo tende a ser por questões práticas, tais como viagens internacionais e profissional. Percebe-se, assim, que 60 dos estudantes pesquisados não reconhecem a Internet como um ambiente que o inglês pode facilitar o acesso a informações, bem como a interação com pessoas de qualquer parte do mundo, inclusive com seus ídolos musicais e artísticos.

Tendo isso em vista uma percepção mais ampla para o ensino de inglês, Santos Jorge (2009) defende o ensino por um viés educativo, visto que “o caráter educativo do ensino de uma LE está nas possibilidades que o estudante pode ter de se tornar mais consciente da diversidade que constitui o mundo”. (SANTOS JORGE, 2009, p. 163). Entende-se, assim, que o ensino de língua inglesa deve abranger uma perspectiva de engajamento e participação dos estudantes em um mundo que as fronteiras estão mais dissolvidas e interconectadas, visto que aprender essa língua pode ter como efeito o acesso à conteúdos disponíveis apenas no inglês, bem como o agenciamento da construção de conhecimento crítico e reflexivo do estudante.

4. Conclusões

No que se refere aos dados obtidos pela pesquisa, percebeu-se que a língua inglesa é o idioma mais popular para os estudantes, porém, notou-se a presença das línguas asiáticas, como coreano e japonês, bem como há muitas crenças interculturais que precisam ser desconstruídas por meio de intervenção pensada pelo professor. Assim, embora a BNCC promova utilizar diferentes ferramentas no processo de ensino e aprendizagem que estão longe da realidade de muitos estudantes no país, trabalhar uma língua estrangeira é pensar a cultura também. Portanto, o professor pode buscar meios para incentivar uma visão ampla da cultura do outro, e da sua própria por meio de práticas interculturais.

5. Referências Bibliográficas

BARCELOS, Ana Maria Ferreira. Cognição de professores e estudantes: Tendências recentes na pesquisa de crenças sobre ensino e aprendizagem de línguas. In: BARCELOS, A.M.F. & Abraão, M.H.V. (Orgs.), **Crenças e ensino de línguas: foco no professor, no estudante e na formação de professores**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2006.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**.

Brasília: MEC/SEF, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_sit_e.pdf>. Acesso em: 20 mai. 2020.

CRYSTAL, David. **English as global language**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

LEFFA, Vilson J. A look at students' concept of language learning. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, n. 17, p. 57-65, 1991. Disponível Em: <http://www.leffa.pro.br/textos/papers/a_look_at_students.pdf>. Acesso em 24 jun. 2020.

SANTOS JORGE, Miriam Lúcia. Preconceito contra o ensino de língua estrangeira na rede pública. In: LIMA, Diógenes Cândido de (Orgs). **O ensino de língua inglesa e a questão cultural**. Ensino e Aprendizagem de Língua inglesa: Conversas om especialistas. São Paulo, Editora Parábola, 2009. P. 179-190.

Recebido em outubro 2023

Aprovado em novembro 2023